

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: REFLETINDO SOBRE OS PROJETOS PEDAGÓGICOS DE CURSOS DE GRADUAÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA

Santa Cruz do Sul - RS - Maio - 2014

ABREU, Rudimar Serpa de¹ – UNISC – rudisa@unisc.br

Classe - 2

Setor Educacional - 3

Áreas de Pesquisa em EaD - Macro: C / Meso: L / Micro: N

Natureza do Trabalho - B

RESUMO

O presente artigo busca construir reflexões sobre o debate em torno da implementação da modalidade de Educação a Distância (EaD), nos cursos de graduação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). As considerações que seguem se configuram muito mais como indagações sobre um percurso, do que certezas de trabalho definidas nos planejamentos, documentos institucionais, legislações e dados governamentais. O argumento mais contundente provavelmente esteja no reconhecimento de que a transposição da concepção de educação presencial, bem como seus alicerces conceituais precisam ser reconstruídos e ampliados no âmbito da modalidade EaD. A fim de se estruturar o presente estudo reflito sobre os conceitos e as articulações entre território, lugar, espaço e rede para que possam sustentar e promover, de forma qualitativa, a implementação da EaD na UNISC.

Palavras-chave: universidade comunitária; território; lugar, espaço; rede.

1 A EaD: Uma Realidade em Constante Desenvolvimento

A educação superior a distância vem se transformando num ícone mundial, que rompe fronteiras e facilita o acesso à formação superior a uma parcela significativa de pessoas no mundo inteiro. O nascimento da Educação a Distância (EaD), na percepção de Ozires Silva (2007, p. 6), "é um marco que não pode ser ignorado e certamente traz para a humanidade uma aceleração acentuada para a construção de uma vida melhor para milhões de seres

humanos, não importando onde estejam". Para ele, é onde começa a se delinear o sonho da humanidade de maior nivelamento social, mais equilíbrio econômico, por força da capacidade imensa da educação em transformar.

A educação superior a distância, como política de Estado, é uma modalidade educacional crescente no Brasil. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9394/1996, a EaD está contemplada e são consideradas pelo menos duas questões importantes: a) o acesso da população às tecnologias emergentes; b) a possibilidade de redução de custos e atendimento a uma parcela significativa da população normalmente desassistida. Como fator de expansão da educação superior no Brasil, a EaD também está contemplada no artigo 80(LDBEN). Para tanto, o poder público incentiva o desenvolvimento e a veiculação de programas de EaD, em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação continuada, incluindo a difusão por meio das tecnologias de informação e comunicação.

Educar é preparar para a liberdade, transformar o aluno em um ser livre para saber escolher e atuar socialmente. A EaD é caracterizada pelo modelo no qual "[...] todos ensinam e todos aprendem; o aluno é o agente de construção do seu saber e o professor é o mediador, para facilitar a mudança das informações em conhecimento". (AZEVEDO; GONÇALVES, 2005, p.56).

Guareschi também trata de algumas características de universidades estritamente comunitárias, que "[...] encontram-se localizadas no RS. Essas instituições se distinguem do conjunto das outras Universidades Comunitárias por elementos característicos" (2001, p.23). Dentre eles, segundo o autor, "têm uma dimensão regional, expressa nos programas voltados ao desenvolvimento da região em que está inserida a universidade" (GUARESCHI, 2001, p.23).

Na perspectiva da EaD, a presença das tecnologias de informação transformam a comunicação a relação entre estudantes/docentes e universidade/comunidade. Todavia, as alterações na cultura organizacional exigem mudanças na vida dos setores e das pessoas. No caso da EaD, esse processo de transformação da cultura relacional torna-se complexo, pois envolve profissionais de áreas que atuam em equipes multidisciplinares.

A EaD exige uma revisão do olhar sobre a didática, sobre conceitos e sobre a concepção de sua região de abrangência ou atuação, presentes nos projetos institucionais das Universidades Comunitárias, sem abrir mão dos

princípios éticos, que partem de concepções fundadas na compreensão integral do ser humano, na sociedade e no próprio conhecimento. Nesse contexto, entre os diversos aspectos que tangenciam o processo de desenvolvimento da EaD, questiona-se como as instituições de ensino superior comunitárias têm operacionalizado essa modalidade em seu projeto político pedagógico institucional e o que as diferenciam das demais.

Na construção da identidade de uma Universidade Comunitária, os aspectos relevantes são aqueles que as distinguem das demais universidades particulares. Por isso, há a necessidade de reafirmar a dimensão pública não estatal desse tipo de universidade (comunitária), que se origina na comunidade civil; é mantida por fundações educacionais; não está subordinada a grupos empresariais ou familiares; tem vínculos com a comunidade por meio de programas e serviços de ensino e extensão; possui dirigentes não vitalícios; bem como, a comunidade acadêmica e outros segmentos da sociedade civil participam da administração da instituição.

Segundo Santos (2002), a informação que é produzida e difundida desde territórios e regiões distantes, e engendrada por distintos atores sociais e instituições nas escalas nacional e global, chegam aos lugares e na região enquanto verticalidades, e é cotejada e sedimentada e por processos comunicacionais cotidianos vivenciados nos espaços contíguos dos lugares e regiões – as chamadas horizontalidades - que, de alguma forma, definem os limites e possibilidades de projetos pedagógicos, ambientes virtuais de aprendizagem e demais recursos que a modalidade EaD exige.

Haveria algum elemento novo na tensão dialética entre lugares educacionais controlados e constituintes do tradicional espaço contíguo da chamada região de abrangência ou de atuação das nossas Instituições de Ensino e lugares não contíguos alcançados pela universidade através do atual momento da EaD? Uma das novidades, certamente, é a forma como as novas tecnologias se impõem verticalmente ao território e à educação, oferecendo novas distribuições espaciais de informação entre os atores envolvidos e gerando diferentes formas de pressão e possibilidades. Diante disso, torna-se necessário repensar no âmbito da Universidade de Santa Cruz do Sul, a partir do seu credenciamento para oferta de cursos superiores de graduação na

modalidade EaD através da Portaria 308, em 15/04/2013, algumas questões conceituais em relação aos projetos pedagógicos construídos.

2 - As Verticalidades e as Horizontalidades na EaD

A EaD vem se firmando no Brasil e no mundo como uma alternativa de ampliação do acesso às oportunidades educativas. Desde as iniciativas pioneiras dos séculos XIX e XX até os dias atuais, a EaD evoluiu de forma significativa, especialmente com a incorporação das tecnologias de informação e da comunicação, que abriram espaço para uma discussão do processo de aprendizagem, em espaços e tempos que não são compartilhados fisicamente, utilizando-se da mediação por tecnologias, principalmente as digitais.

As características da não-convencionalidade dessa modalidade em relação à sala de aula vão além das dimensões espacial e temporal dessa nova estratégia de aprendizagem. E pode-se afirmar que a essência da EaD não está na relação direta professor-aluno, mas sim na aprendizagem com responsabilidade e liberdade, focalizada na construção do conhecimento.

Considerando a EaD antes de tudo “educação”, essa deve também ser compreendida como um trabalho concreto de produção e reprodução social da existência humana, mediante o qual os atores da situação pedagógica relacionam-se entre si com o mundo natural e social. Nessa proposta de trabalho, torna-se fundamental o compromisso com a formação humana, ligada à assimilação, construção e produção cultural e não apenas a transmissão de ideias, valores e conhecimentos. Preparar as universidades para acompanhar a velocidade das mudanças é um desafio, devendo ser uma meta constante para as IES no contexto de formação contemporânea. Ao empreender o esforço para desenvolver uma universidade que atue para além do seu território geograficamente demarcado, conferimos a ela um papel de grande importância: de ser um elemento ativo no desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação regional, na medida em que potencializa o acesso às tecnologias, a desenvolver competências e ao integrar à sociedade de informação seu território espacial de influência.

O trajeto do homem contemporâneo pode começar a não mais ser definido apenas pela relação espaço-tempo como conhecemos. A sociedade conectada ganhou liberdade para funcionar à distância. Os indivíduos já podem se relacionar virtualmente, estendendo as possibilidades do espaço concreto. A

comunicação mediada pela internet afeta também as relações espaço geográfico e identidade cultural, com especial atenção à vinculação territorial como os chamados "lugares virtuais".

Lévy (1998), afirma que a antiga percepção do tempo era cíclica e diurna, e sua relação com espaço tinha um caráter mais subjetivo e absoluto. Vivemos a efervescência dessa era em que tarefas do cotidiano são desempenhadas quase sempre com a intermediação das tecnologias digitais, as quais conforme Lévy (1999, p. 32), "surgiram como a infraestrutura do ciberespaço, um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transmissão, mas também novo mercado da informação e do conhecimento".

O estabelecimento de vinculações territoriais múltiplas e complexas através de uma configuração geográfica dos estudantes e pela constituição histórica e identitária dos próprios lugares virtuais que se diferenciam dos lugares físicos de referência, leva-nos a refletir sobre os conceitos de território(s) e identidade.

Esses conceitos são importantes, ainda que na maioria das vezes não sejam utilizados nos Projetos Pedagógicos e nos Planos de Desenvolvimento Institucional das instituições, pois fundamentam e explicam o modo como a Universidade vislumbra o território da EaD. Também revelam como esse território, agora constituído de lugares contíguos e distantes, é percebido; como nele se produzimos sentimentos de pertencimento e de identidade pelos que se relacionam e acessam virtualmente à universidade. Questões que problematizam e complexificam o próprio projeto político de uma instituição constituída enquanto Universidade Comunitária, e historicamente vinculada territorialmente à uma dada região geográfica delimitada. Desta forma, precisamos pensar algumas relações conceituais que não estão postas apenas na ordem de uma verticalidade ou de uma horizontalidade, que atuam nas relações de proximidade ou afastamento, no qual os instituem e constituem.

Nessa reflexão sobre o processo de implementação da modalidade de EaD nos cursos de graduação da UNISC, os conceitos que analisaremos são aqueles relacionados com as definições de *lugar*, *espaço*, *território* e *rede*.

Por lugar, Certeau (1994, p. 173) entende uma "configuração instantânea de posições" onde os elementos que compõem mantêm posições

fixas e relativas umas às outras. Tal configuração representa uma vitória sobre o tempo, visto que não são considerados os movimentos que ali ocorrem. Por exemplo, a organização dos docentes e estudantes no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), cada qual com seu perfil de acesso e possibilidades de participação no processo interativo, são estabelecidos *a priori* em função da proposta pedagógica e da própria racionalidade técnica do AVA. O conjunto projeto pedagógico, planos de ensino e de aula, estrutura dos polos de apoio de presencial e possibilidades do AVA constituem o lugar organizado por "estratégias" específicas de poder, seguindo o vocabulário de Certeau. Assim, conceito de lugar pressupõe e delinea pontos fixos, territórios e fronteiras bem delimitadas e estabelecidas, onde os elementos encontram-se dispostos uns ao lado dos outros. Portanto, um lugar é uma configuração de posições, uma indicação de estabilidade, uma cristalização.

Por sua vez, o espaço implica mobilidades, múltiplos vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. O espaço é onde os fluxos e fixos se encontram, se relacionam, se organizam e se distribuem sob uma dada racionalidade. Ele não é dado *a priori*, ao contrário, ele é produzido à medida que se caminha. O espaço é cartográfico, por mais que exiba pontos de referência, as possibilidades de percursos não estão dadas, estarão sempre por serem feitas, produzidas, inventadas (CERTEAU, 1994).

O conceito de território é desenvolvido por vários autores com concepções diversas. Cada autor, dependendo da sua linha de trabalho dá ênfase aos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais ou ao entrelaçamento destes fatores para explicar o conceito e a dinâmica de um espaço que em seu processo de construção, está sempre sendo objeto de apropriação material e/ou simbólica, através de relações de poder. Andrade (1995) faz uma análise da questão do território no Brasil, retratando o conceito de território com uma abordagem política e econômica de ocupação do espaço. O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Deste modo, o território está associado à ideia de poder, de controle, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas.

Considerando que no contexto educacional das Universidades Comunitárias, na qual a UNISC está inserida, destaca-se o compromisso com o desenvolvimento regional e que esse, por sua vez, implica numa concepção específica de território, de espaço, de região, de lugar e de rede. Nesse sentido é preciso refletir sobre como a modalidade de Educação a Distância rompe e/ou afeta essas mesmas concepções, na medida em que as fronteiras do ciberespaço são mais fluídas ou "praticamente" inexistentes?

Nesse aspecto, a expansão da EaD está relacionada às condições de distribuição e acesso às redes de transmissão da informação que se espalham e criam raízes flutuantes em todo território nacional. Tal flutuação resulta das condições de espacialização dessas redes, que se diferenciam e estabelecem áreas geográficas com maior ou menor aptidão a esse tipo de modalidade de educação. Essa concepção encontra ressonância no pensamento de Santos (2002), que considera ser o espaço condição e condicionante para as ações humanas, sendo estas dependentes do grau de tecnicidade existente. Assim, quanto mais elevado o conteúdo técnico-científico e informacional, maior a possibilidade de inserção do espaço às inovações; quanto menor o grau de tecnicidade, mais opaca será a sua participação nos processos inovadores. Destaca-se que a potencialidade ou fragilidade técnica e as desigualdades das condições sociais de acesso constituem-se fatores que permitem ou impedem o surgimento de uma rede de relações entre os sujeitos e entre os territórios, gerando formas e funções que se cristalizam no espaço desigualmente. Nesse sentido, o território é a unidade que expressa esses diferentes conteúdos, ritmos, sendo importante para a reflexão dos processos que envolvem as políticas educacionais quanto à expansão, ao controle e à gestão.

A reflexão sobre o EaD pressupõe uma análise sobre o seu território, buscando entender a rede que se estabelece a partir de sua oferta. Nesse contexto, o conceito de rede é entendido como uma estrutura que assegura a circulação e a difusão da informação, permitindo a coordenação das atividades e a transmissão rápida das instruções e dos resultados (CASTELLS, 1999). Parte-se do pressuposto de que as redes constituem condições intrínsecas às ações, assumindo, na contemporaneidade, a hegemonia dos processos. Consideramos, também, que as ações em rede não desconfiguram territórios, mas complexificam a sua existência, e seu uso

pelos atores sociais. Dessa forma, tal noção torna-se importante para analisar a relação entre rede e território a partir da implementação da EaD.

3 - Considerações Finais

Nos últimos anos a UNISC tem vivenciado a construção cotidiana da modalidade de educação a distância, tanto na materialização de ideias, desejos e desafios em ações didático-pedagógicas concretas de colegiados, da gestão superior e da assessoria para EaD, quanto ao enfrentamento de tensões inerentes ao processo de inserção de uma nova modalidade em uma instituição comunitária com grande tradição e prestígio na educação presencial. O crescimento vertiginoso da EaD nos últimos anos trouxe também inúmeros desafios, principalmente para aos órgãos supervisores e reguladores do Ministério da Educação e às instituições de ensino que estavam dispostas a assumir a construção de uma educação de qualidade na EaD.

Na UNISC, a EaD marca uma nova fase na Instituição, que se materializa com a expansão dos serviços educacionais para polos de apoio presencial. Os valores comunitários, institucionais, éticos e a qualidade da educação são compromissos da UNISC em sua inserção na vida dessas comunidades e o consequente desenvolvimento regional. Nesse sentido, a reflexão sobre os conceitos de território, lugar, espaço e rede no projeto que será implantado torna-se de fundamental importância. Fica claro que o projeto educacional da UNISC estabelecerá verticalidades sobre os novos territórios onde ela passará a atuar virtualmente através do EaD. No entanto, a adoção pelos estudantes, gestores locais, professores, tutores e demais profissionais envolvidos nos polos de apoio presencial não serão uma simples reprodução de referências externas dos projetos pedagógicos dos cursos construídos em outros espaços. Aqui, mais uma vez, recorreremos às ideias de Santos (2002): a informação que chegará às comunidades (verticalidades) será influenciada e cotejada por processos de comunicação dos cotidianos (horizontalidades).

O Ambiente Virtual de Aprendizagem, "aterrissará" na cidade do polo (configurando uma dada informação, verticalidade), mas a sua adoção só será possível por processos horizontais (comunicação), a saber, a produção do conhecimento local de onde, quando e como acessar. Contudo, de alguma maneira, a realidade local, suas memórias e sistemas técnicos pré-existentes,

que Santos (2002) chamou pelo nome de "rugosidades", limitará e indicará os caminhos para a adoção dos novos sistemas técnicos.

De acordo com Certeau (1992), o estabelecimento do "lugar" não submete a comunidade local a simples reprodução de referências externas. Desse modo, a força dos sistemas técnicos e vocabulários recebidos influencia no movimento cotidiano dos estudantes e das comunidades locais, sob condições específicas e distintas, abrindo espaços à revisão dos projetos pedagógicos e as devidas estratégias didático-pedagógicas.

Ao lidar com realidades distintas do *lócus* dos docentes da UNISC, no campus sede da Instituição - onde se concebem os projetos pedagógicos dos cursos, planos de ensino, planos de aula, dentre outros elementos do processo educativo - a atenção aos movimentos cotidianos e locais poderá ser fonte para melhorias do projeto.

Outro aspecto que precisará ser observado nos projetos de EaD está relacionado ao conceito de rede e o entendimento da adoção da internet em processo educativo. De maneira breve, uma rede distribuída pressupõe nós conectados, com iguais possibilidades de envio e recepção de informação, de tal modo que a eliminação de um desses pontos não acarrete na interrupção dos fluxos entre os demais. Nem todos os usuários da rede possuirão as mesmas capacidades de participação nos fluxos e nem todo o processo educativo na EaD é controlável no interior da rede por seus objetos técnicos. Segundo Santos (2002) há uma diferença entre os "fixos" e os "fluxos". Os alunos da EaD atuarão em velocidades e capacidades de participação totalmente diferentes de acordo com os locais e regiões de origem. Assim, estar na rede em um processo educativo, paradoxalmente, pode não ser apenas fator de aproximação, mas de distanciamento pelos conteúdos tecnológicos e socioculturais existentes.

Também precisamos considerar que a EaD exige uma nova postura pedagógica dos docentes e não a simples transposição didática do modelo presencial para a metodologia a distância. O trabalho do educador deixa de ser individualizado e fragmentado, pela própria organização das matrizes curriculares em módulos, que diferentemente da forma disciplinar, congrega vários docentes em torno de uma temática mais abrangente, permitindo e viabilizando planejamento, execução e avaliação de forma integrada.

Encerrou salientando que se dê continuidade a esse estudo através das seguintes ações: como as universidades comunitárias preservam a sua identidade e seus valores institucionais em cursos EaD; como diferenciar os conceitos de território, lugar, espaço e rede; e como desenvolver estratégias e parâmetros capazes de contribuir para a qualificação dos programas de EaD no âmbito das universidades comunitárias.

Referências

- ANDRADE, Manuel Correia. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec; Recife: IPESPE, 1995.
- AZEVEDO, Adriana B.; GONÇALVES, Elizabeth M. A Importância da avaliação na implantação de uma prática pedagógica diferenciada. In: **Revista Comunicação Sociedade**. Ano 27, nº 44. S. Bernardo Campo: UMESP, 2005.
- BRASIL, “LEI n.º 9394, de 20.12.96, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”. In: **Diário da União**, ano CXXXIV, n. 248, 23.12.96.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobránszky – Campinas: Papyrus, 1995. – Coleção Travessia do século.
- GUARESCHI, Elydo Alcides. **O processo de construção da Universidade de Passo Fundo**. Passo Fundo: UPF, 2001. (Nascimento e Implantação, v.2).
- LIMA, Francisco José Souza; JOSGRILBERG, Fábio Botelho; AZEVEDO, Adriana Barroso. **Educação e tecnologia na universidade: concepções e práticas**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- OZIREZ Silva. A Educação sem distância. In: MELO, Maria Tais de (Org.) **EAD: educação sem distância**. São Paulo: Laborciência, 2007.
- SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, María Laura (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.

¹Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (2013), linha de pesquisa em Território, Planejamento e Sustentabilidade, orientado pelo Prof. Dr. Rogério Leandro Lima da Silveira, da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC. Atua como docente do Departamento de Educação e Coordenador da Assessoria para Educação a Distância (AEAD) da Universidade de Santa Cruz do Sul, na cidade de Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.